

1

Acordei num instante e sentei-me na cama bruscamente. Só quando estou ansiosa é que acordo com facilidade; durante um minuto não percebi por que motivo o meu coração batia mais depressa do que o habitual. Depois lembrei-me. O motivo do costume. Ele não viera para casa.

Ao levantar-me, fiquei um instante na beira da cama a alisar a colcha de cetim verde com a mão. Eu e a mãe tínhamo-nos esquecido de a dobrar na noite anterior. Deslizei para o chão devagar e senti o frio do linóleo na sola dos pés. Encolhi os dedos instintivamente. Eu tinha chinelos, mas a mãe queria que os poupasse para quando ia visitar as tias e os primos; também tínhamos tapetes, mas ficavam enrolados e metidos em gavetas até chegarem as visitas de Dublin, no Verão.

Calcei os soquetes.

Da cozinha vinha um cheiro a *bacon* frito, mas não me entusiasmos.

Depois fui levantar a persiana. Subiu de repente e a fita ficou enrolada em volta dela. Foi uma sorte a mãe já ter ido para baixo, pois ela estava sempre a ensinar-me a levantar as persianas como deve ser, com delicadeza.

O Sol ainda não se erguera e a relva estava salpicada de boninas profundamente adormecidas. Havia orvalho por todo o lado. A erva por baixo da minha janela, a sebe em redor, o arame enferrujado da vedação, mais atrás, e os extensos campos no seu

exterior, todos eram afagados por uma névoa delicada e errante. As folhas e as árvores estavam molhadas da neblina, e as árvores pareciam irreais, como se fizessem parte de um sonho. Em torno dos miosótis que despontavam dos lados da sebe viam-se auréolas de água. Água que cintilava como prata. Estava tudo sossegado, perfeitamente sereno. Das montanhas ao longe evoluava-se fumo. O dia ia ser quente.

Vendo-me à janela, *Bull's-Eye* saiu de debaixo da sebe, sacudiu-se para expulsar a água e ergueu para mim o olhar preguiçoso e triste. Era o nosso cão pastor e pus-lhe o nome de *Bull's-Eye* porque os olhos dele eram às manchas brancas e pretas, como os rebuçados enlatados¹. Costumava dormir na casa da turfa, mas na noite passada ficou na toca de coelho por baixo da sebe. Ficava sempre lá para estar de guarda quando o papá não dormia em casa. Nem era preciso perguntar, o meu pai não viesse para casa.

Nesse instante Hickey chamou lá de baixo. Eu estava a despir a camisa de noite e, com ela a passar-me pela cabeça, a princípio não o ouvi.

«O quê? O que dizes?», perguntei, saindo para o patamar com a colcha de cetim em volta do corpo.

«Safa, já estou rouco de dizer isto.» Sorriu para mim e perguntou: «Queres um ovo branco ou castanho para o pequeno-almoço?»

«Pergunta-me com delicadeza, Hickey, e chama-me amorzinho.»

«Amorzinho. Meu coração. Queridinha. Favo de mel, queres um ovo branco ou um ovo castanho para o pequeno-almoço?»

«Um castanho, Hickey.»

«Tenho um lindo ovinho de franga para ti», disse ele, voltando para a cozinha. Bateu com a porta. A mamã nunca conseguiu habituá-lo a fechar as portas com delicadeza. Era o nosso serviço e eu amava-o. Para confirmar, disse-o em voz alta à Virgem Maria, que me olhava com frieza de uma moldura dourada.

«Amo o Hickey», disse eu. Ela não disse nada. Admirava-me que não falasse mais vezes. Uma vez falou comigo e o que dis-

se foi muito íntimo. Aconteceu no meio da noite, quando me levantei para dizer um desejo. Todas as noites me levantava seis ou sete vezes, como um acto de penitência. Tinha medo do inferno.

«Sim, amo o Hickey», pensei; mas é claro que o que eu queria dizer era que gostava muito dele. Quando tinha sete ou oito anos, costumava dizer que havia de casar com ele. Dizia a toda a gente, incluindo a catequista, que íamos viver na capoeira e tínhamos ovos de borla, e leite e legumes que a mamã nos dava. O único legume que se plantava era couve. Mas agora eu já falava menos em casamento. Em primeiro lugar porque ele nunca se lavava, exceptuando os borrifos de água da chuva que atirava para a cara à tardinha, debruçando-se sobre o barril. Tinha os dentes verdes e a última coisa que fazia à noite era urinar para uma lata de pêssego que guardava debaixo da cama. A mamã ralhava com ele. Costumava ficar acordada na cama à espera de ele vir para casa, à espera de o ouvir levantar a janela para despejar a lata de pêssego lá para fora, para o lajeado.

«Há-de matar aqueles arbustos por baixo da janela, mais certo que certo», costumava ela dizer, e certas noites, quando ficava muito zangada, ia lá abaixo em camisa de noite, batia-lhe à porta e perguntava-lhe por que razão não ia fazer aquilo lá fora. Mas Hickey nunca lhe respondia, era muito matreiro.

Vesti-me à pressa e, quando me dobrei para chegar aos sapatos, vi algodão, poeira e penas debaixo da cama. Não tinha disposição para limpar o quarto, por isso puxei as cobertas para cima e apressei-me a sair.

O patamar estava escuro, como sempre. Uma janela feia, de vitral, dava-lhe um ar fúnebre, como se alguém tivesse acabado de morrer lá em casa.

«Este ovo vai parecer uma bala», gritou Hickey.

«Vou já», disse eu. Tinha de me lavar. A casa de banho era fria, ninguém se servia dela. Uma casa de banho ao abandono com uma mancha de ferrugem no lavatório, mesmo por baixo da torneira de água fria, um sabonete cor-de-rosa novinho em folha e um toalhete de lavar a cara entesado, que parecia ter ficado pendurado lá fora toda a noite, à geada.

Resolvi não me ralar e limitei-me a encher um balde de água para a sanita. O autoclismo não funcionava, havia meses que estávamos à espera de um homem para vir arranjá-lo. Fiquei envergonhada quando a Baba, minha amiga da escola, foi lá acima e disse, inevitavelmente, «Ainda avariado?» Em nossa casa as coisas ou estavam estragadas ou não eram usadas. A mamã tinha molas novas e vários rolos de corda nova num guarda-fato, lá em cima; dizia que se as levasse para baixo só serviria para se partirem ou serem roubadas.

O quarto do meu pai era mesmo em frente da casa de banho. As suas roupas velhas estavam estiradas numa cadeira. Ele não estava ali, mas eu conseguia ouvir-lhe os joelhos a estalar. Os joelhos dele estalavam quando se deitava e se levantava da cama. Hickey chamou-me uma vez mais.

A mamã estava sentada ao pé do fogão a lenha, comendo um bocado de pão às secas. Os seus olhos azuis estavam pequenos e inflamados. Não dormira. Olhava fixamente em frente, para algo que só ela via, para o destino e para o futuro. Hickey piscou-me o olho. Estava a comer três ovos estrelados com várias fatias de *bacon* curado em casa. Mergulhava o pão na gema de ovo crua e depois chupava-o.

«Dormiste?», perguntei à mãe.

«Não. Tu tinhas um rebuçado na boca e eu temia que sufocasses se o engolisses inteiro, por isso fiquei acordada, pelo sim pelo não.» Tínhamos sempre rebuçados e tabletes de chocolate debaixo do travesseiro e eu tirara um rebuçado de fruta mesmo antes de adormecer. Coitada da mamã, estava sempre preocupada. Suponho que ficou ali deitada a pensar nele, à espera do ruído de um automóvel a parar na estrada, à espera do rumor dos pés dele na erva molhada e do barulho do ferrolho do portão. Esperando e tossindo. Tossia sempre, quando estava deitada; por isso guardava trapos velhos, que lhe serviam de lenço, numa bolsa de veludo que estava atada a um varão da cama de latão.

Hickey cortou a extremidade do meu ovo. Tinha endurecido, por isso ele pôs-lhe uns bocadinhos de manteiga para o em-

brandecer. Era um ovo de franga que mal ultrapassava o rebordo do oveiro grande de porcelana. Tinha um ar ridículo, o ovo pequenino no oveiro grande, mas sabia muito bem. O chá estava frio.

«Posso levar lilases a Miss Moriarty?», perguntei à mamã. Sentia vergonha de me aproveitar da infelicidade dela para levar flores à professora, mas queria muito vencer a Baba e tornar-me a queridinha de Miss Moriarty.

«Sim, querida, leva aquilo que quiseres», disse a mamã, distraída. Fui até junto dela, pus-lhe os braços à volta do pescoço e beijei-a. Era a melhor mãe do mundo. Disse-lhe isso e ela estreitou-me durante um minuto, como se não quisesse deixar-me ir. Eu era tudo para ela neste mundo, tudo.

«Dando graxa à mamã», disse Hickey. Soltei os dedos que estavam cruzados na parte de trás do seu pescoço branco e macio e afastei-me dela com acanhamento. O seu pensamento estava longe dali, e as galinhas ainda não tinham comido. Algumas, vindas do pátio, estavam a debicar no prato de *Bull's-Eye*, junto à porta das traseiras. Eu ouvia *Bull's-Eye* a correr atrás delas e o bater das asas ao fugirem, cacarejando furiosamente.

«Está uma peça em cena no salão da vila, patroa. Devia ir até lá», disse Hickey.

«Devia.» O tom de voz era um pouco sarcástico. Embora contasse com Hickey para tudo, por vezes era áspera com ele. Estava a pensar. A pensar onde estaria ele? Se chegaria a casa de ambulância ou num carro alugado em Belfast três dias antes, sem estar pago? Subiria os degraus de pedra da porta das traseiras aos tropeções, brandindo uma garrafa de uísque? Iria gritar, lutar, matá-la, ou pedir desculpa? Apareceria à porta do corredor com um doido qualquer embriagado, dizendo: «Mãe, apresento-te o meu melhor amigo, Harry. Acabo de lhe dar o prado de treze acres, em troca do galgo mais bonito...» Tudo isso já nos acontecera tantas vezes que era um disparate esperar que o meu pai chegasse a casa sóbrio. Saía três dias antes, com sessenta libras no bolso para ir pagar os impostos.